

**A POLÍTICA DO REVANCHISMO: CORAÇÕES SUJOS E AS RAÍZES DA CRISE IDEOLÓGICA<sup>1</sup>**

*THE POLITICS OF REVANCHISM: DIRTY HEARTS AND THE ROOTS OF IDEOLOGICAL CRISIS*

Autor: Seth JACOBOWITZ  
Texas State University  
[sethjacobowitz@gmail.com](mailto:sethjacobowitz@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-4172-5046>

Tradutor: Henoch Gabriel MANDELBAUM  
Universidade de São Paulo  
[henoch@alumni.usp.br](mailto:henoch@alumni.usp.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-5882-9327>

**RESUMO:** Este artigo empreende uma investigação crítica sobre as origens da violência política que surge a partir do pensamento revanchista. Adota como ponto de partida inicial um estudo de caso da crise ideológica que surgiu na comunidade nipo-brasileira no período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, notadamente por meio da estrutura apresentada em *Corações Sujos*, de Fernando Morais ([2001] 2014). Embora a atividade extremista do grupo militante *Shindō Renmei* muitas vezes tenha sido atribuída a particularidades do Japão Imperial ou da comunidade imigrante pré-guerra no Brasil, este estudo defende que o revanchismo é, na verdade, uma característica integral da cultura política moderna que recentemente ressurgiu de forma explícita em movimentos populistas neofascistas contemporâneos por meio do uso comum de sociedades secretas, propaganda (*fake news*) e teorias da conspiração. Assim, é imperativo aplicar métodos comparativos para localizar e diagnosticar as causas das raízes do revanchismo em momentos de expropriação coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revanchismo. *Shindō Renmei*. Império Japonês.

**ABSTRACT:** This article undertakes a critical investigation of the origins of political violence that arise from revanchist thinking. It adopts as its initial point of departure a case study of the ideological crisis that arose in the Japanese Brazilian community in the immediate post-World War II era, notably through

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em língua inglesa como Introdução Crítica do livro *Dirty Hearts: The History of Shindō Renmei* (Cham: Palgrave Macmillan, 2021), de Fernando Morais.

the framework presented in Fernando Morais' *Dirty Hearts* ([2001] 2014). Although the extremist activity of the militant group *Shindō Renmei* has often been ascribed to particularities in Imperial Japan or within the prewar immigrant community in Brazil, this study contends that revanchism is instead an integral feature of modern political culture that has of late explicitly re-emerged in contemporary neo-fascist populist movements through the common use of secret societies, propaganda (*fake news*) and conspiracy theories. Accordingly, it is imperative to apply comparative methods to locate and diagnose the root causes of revanchism in moments of collective expropriation.

**KEYWORDS:** Revanchism. *Shindō Renmei*. Japanese Empire.

## OS LEGADOS DA *SHINDŌ RENMEI*

As consequências da rendição incondicional do Japão e da perda de seu império foram tão graves e abrangentes que nenhuma das comunidades de imigrantes japoneses ao redor do mundo foi poupada, especialmente a sua colônia mais distante e numerosa no Brasil. No primeiro estudo em língua inglesa dedicado à literatura e ao cinema nipo-brasileiros, desde o pós-guerra até os dias atuais, Ignacio López-Calvo (2019) observa que *Corações Sujos* ([2001] 2014), de Fernando Morais, é “um híbrido de ensaio histórico, romance, testemunho e biografia”. Morais fez uso extensivo de 50 arquivos federais, estaduais, municipais e privados no Brasil, bem como de 88 entrevistas pessoais durante sua pesquisa. Grande parte reproduzida nesta tradução é também uma impressionante coleção de fotografias, mapas, recortes de jornais, arquivos policiais desclassificados e outras formas de evidência material do período que conferem profundidade e veracidade arquivística a esta combinação de escrita de vida e criativa não-ficção.

Morais (2014) traça a ascensão da *Shindō Renmei* ao poder enquanto o principal grupo militante pró-imperialista que foi formado em resposta às medidas antijaponesas e de assimilação forçada que iniciaram sob o regime ditatorial do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) e se intensificaram após o Brasil declarar guerra às potências do Eixo em 1942. A membresia do grupo cresceu correspondentemente em meados da década de 1940, absorvendo facções menores, e estima-se que representava uma maioria substancial dos 250.000 imigrantes japoneses e de seus filhos nascidos no Brasil. Em 13 meses de atividade intensa, de janeiro de 1946 a janeiro de 1947, a *Shindō Renmei* foi responsável por 23 assassinatos, 147 agressões e inúmeros atos de incêndio criminoso e intimidação contra os chamados “corações sujos” em seu meio, que colaboraram com as autoridades brasileiras ou afirmaram publicamente que o Japão havia sido derrotado. Aproveitando-se do vácuo de liderança e de comunicação causado pelas proibições do Estado Novo contra os “súditos das potências do Eixo”<sup>2</sup> e, posteriormente, pelo rompimento das relações diplomáticas com o Japão (1942-1952), eles efetuaram uma tomada quase completa da esfera midiática da comunidade. A *Shindō Renmei* usou reuniões

<sup>2</sup> O Decreto 383, de 18 de abril de 1938, proibiu estrangeiros de participar de atividades políticas ou de falarem línguas estrangeiras em público. Transmissões de rádio em línguas estrangeiras foram proibidas, e a publicação em línguas estrangeiras era tecnicamente permitida apenas em edições bilíngues. Mais improvável de tudo, a primeira língua ensinada às crianças tinha que ser o português, apesar do fato de que muitos imigrantes japoneses recentes nem falavam a língua adequadamente nem tinham acesso a escolas onde seus filhos pudessem receber instrução. Cf. MORAIS, 2014.

clandestinas, transmissões de rádio e boletins informativos para alcançar a comunidade de um quarto de milhão de pessoas durante e após a guerra.

Até 1947, a organização, em quase sua totalidade, havia sido varrida por batidas policiais contra militantes suspeitos, realizadas pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que atuava tanto como polícia secreta, quanto como serviço de segurança pública. Eles acabaram encarcerados na Ilha Anchieta, uma espécie de Alcatraz na costa de São Paulo. Devido às ações extremistas da *Shindō Renmei*, a Assembleia Constituinte que ratificou a Quinta Constituição do Brasil em 18 de setembro de 1946, debateu vigorosamente uma emenda para banir toda a futura imigração do Japão. Teria sido a única proibição desse tipo na história da nação e falhou em ser aprovada por apenas um voto. Mas, no final, apesar das forças políticas e do sentimento popular contra eles, a liderança e os esquadrões da morte evitaram ter que pagar um preço mais alto por seus crimes do que dez a quinze anos de prisão. Moraes (2014) insiste que, ao dar seu apoio a Adhemar de Barros (1901-1969), que se tornou o primeiro governador democraticamente eleito de São Paulo após o fim da ditadura de Vargas, a organização trocou contribuições de campanha e a promessa de votos por reabilitação política. Ao fazer isso, segundo seu argumento, ajudou a iniciar uma transformação permanente na comunidade japonesa brasileira de uma colônia em grande parte insular com laços íntimos com o Império Japonês para sua nova identidade como uma minoria étnica no Brasil pós-guerra.

Diante das forças políticas e sociais que atingiram os nipo-brasileiros em meados da década de 1940, é necessário apontar que quatro quintos da colônia eram *issei* que se autoidentificavam como "irmãos no exterior" (*kaigai dōhō*) do Império Japonês. Entre os cerca de 189.000 japoneses que emigraram para o Brasil antes da guerra, mais de 160.000 vieram no período de 1921 a 1941. A maioria trocou uma vida difícil nas províncias mais pobres do Japão para trabalhar em fazendas de café e terras desmatadas no interior de São Paulo e no estado vizinho do Paraná. Era talvez inevitável que muitos se referissem amargamente a si mesmos como exilados (*kimin*) enquanto sinônimo de imigrantes (*imin*). No entanto, permaneceram espiritualmente leais ao imperador e sentiam-se no direito de retornar a um Japão vitorioso ou se reassentar em outro lugar do Império. Em seu senso de missão e sacrifício compartilhado, suas vidas não eram substancialmente diferentes dos seus companheiros colonos que se dirigiram a Taiwan, Coreia e Manchúria. Um objetivo comum era ganhar dinheiro suficiente trabalhando no Brasil para eventualmente repatriar e se restabelecer como agricultores independentes ou comerciantes. Eles ainda não eram "uma diáspora descontente", como Jeffrey

Lesser (2008) chamou, de forma evocativa, a geração do pós-guerra.

As tensões não resolvidas em relação ao status de pertencimento nacional continuaram a se acumular para os nipo-brasileiros na década que antecedeu a guerra. Rogério Dezem (2010, p. 244) insiste que “pressionados por dois nacionalismos, tendo de um lado o governo militarista japonês e do outro a ditadura de Vargas, os imigrantes japoneses, que haviam consolidado suas bases (colônias de imigrantes, associações, escolas, etc.) em território brasileiro desde o final dos anos 1920, sofreram uma espécie de ‘crise referencial’.” Diante das políticas discriminatórias do Estado Novo, que reforçaram ainda mais o isolamento e diminuíram sua capacidade de ganhar a vida de forma decente, muitos imigrantes não tinham para onde se voltar em busca de apoio, senão para seus próprios compatriotas etnolinguísticos. Não deveria ser surpresa, além disso, que, como a vasta maioria dos recém-chegados não falava português e tinha apenas uma presença tênue na sociedade brasileira, o caminho de menor resistência seria simplesmente voltar para casa.

Dezem (2010) continua,

Refletindo isso, o livro *Bauru kannai no Hōjin (Os Japoneses em Bauru)*, escrito em japonês por Shungorō Wakō, circulou na colônia em meados de 1939. Foi considerado um relatório sobre a situação dos imigrantes que viviam ao longo das linhas de trem Noroeste e Paulista, onde a maioria dos japoneses e seus descendentes viviam nesse período. De acordo com essa pesquisa, pode-se verificar que 85% dos imigrantes na região queriam retornar ao Japão (p. 244).

O sonho de retorno a uma pátria perdida ou esquecida, epitomizado pelo conceito luso-brasileiro de *saudades*, também enredaria esses recém-chegados. O que havia sido uma impossibilidade econômica antes da guerra tornou-se uma impossibilidade política durante a guerra. Quando o Japão foi derrotado, o outrora sacrossanto direito de retorno foi totalmente precluso. Reconhecendo que tinham tudo a perder caso isso acontecesse, muitos estavam dispostos, ou às vezes coagidos, a apostar na certeza da vitória imperial oferecida por sociedades secretas como a *Shindō Renmei*. A alternativa, aos olhos deles, era simplesmente impensável.

## POPULISMO NEOFASCISTA

A publicação da tradução em inglês de *Corações Sujos* pela Palgrave Macmillan, em novembro de 2021, foi oportuna pela sua coincidência com o ressurgimento de movimentos

autocráticos ao redor do mundo. A consideração de um momento histórico extraordinário do ponto de vista de outro demonstra que o que ocorreu no Brasil do pós-guerra não foi devido a uma anomalia no caráter nacional japonês desenraizado, mas surgiu como resultado direto das tendências revanchistas na cultura política moderna. Donald Trump e seu gêmeo tropical, Jair Bolsonaro, governaram a partir do mesmo manual de cultura de vingança do autoritarismo do século XX, agora atualizado para as mídias sociais mais recentes. Suas técnicas usuais têm sido teorias da conspiração, notícias falsas e "fatos alternativos".<sup>3</sup> Essas técnicas recursivas têm sido utilizadas para mobilizar e radicalizar sua base, ao mesmo tempo que intimidam adversários, reais ou imaginários.

Hoje, o populismo neofascista é o movimento político que não ousa dizer seu nome. Donald Trump foi impugnado, mas finalmente absolvido, pelo Senado liderado pelos republicanos em 5 de fevereiro de 2020, por tentar alavancar ajuda à Ucrânia em troca de "sujeira" sobre o ex-Vice-Presidente Joseph Biden. Os piores medos de Trump se realizaram quando Biden garantiu a indicação democrata quatro meses depois. À medida que a campanha se intensificava, Trump indicou em uma coletiva de imprensa em 23 de setembro de 2020 que não realizaria a transição pacífica de poder caso perdesse. Isso reiterou declarações que ele havia feito em 2016, nas quais ameaçou contestar a eleição se perdesse para a ex-Secretária de Estado Hillary Clinton. Duas semanas depois, a prisão de 13 suspeitos que planejavam sequestrar e assassinar os governadores de Michigan e da Virgínia destacou a crescente ameaça do terrorismo doméstico branco para apoiar Trump por quaisquer meios necessários. Devido à pandemia de COVID-19 e à prevalência da votação por correio, os temores de violência no Dia da Eleição felizmente não se materializaram. Quando todos os votos foram contados, Biden garantiu uma liderança de sete milhões no voto popular, que se traduziu em uma vitória no Colégio Eleitoral de 306 – 232, a mesma margem com a qual Trump havia derrotado Hillary Clinton quatro anos antes (ainda que perdendo no voto popular para Clinton por quase três milhões de votos). Em um alarmante eco de Getúlio Vargas, de Alberto Fujimori no Peru e de inúmeros outros autoritários, nas semanas intermédias entre a eleição nacional em 3 de novembro de 2020 e a contagem dos votos "estado por estado" pelo Colégio Eleitoral em 14 de

<sup>3</sup> Em uma entrevista em 22 de janeiro de 2017, no programa político americano *Meet the Press*, a assessora presidencial Kellyanne Conway cunhou essa frase em resposta a uma clara mentira sobre o tamanho da multidão na posse contada pelo Secretário de Imprensa da Casa Branca, Sean Spicer. O moderador Chuck Todd respondeu prontamente: "Fatos alternativos não são fatos; são falsidades." Cf. BLAKE, 2020.

dezembro de 2020, Trump repetidamente tentou executar um autogolpe para permanecer no cargo. Ameaças anônimas de assassinato, danos corporais e incêndio criminoso por seus apoiadores militantes foram igualmente dirigidas contra funcionários eleitos, mesários, repórteres e ativistas democratas para negar e anular os resultados das eleições.

A vitória de Biden, que foi a mais expressiva contra um presidente incumbente desde que Franklin D. Roosevelt derrotou Herbert Hoover em 1932, pode levar para a clandestinidade as facções mais iliberais e radicalizadas do trumpismo, mas é improvável que as elimine. Certamente isso não impediu o ex-Conselheiro de Segurança Nacional condenado e tenente-general aposentado Michael Flynn, a quem Trump perdoou em 25 de novembro de 2020, de opinar que Trump poderia declarar lei marcial para invalidar os resultados das eleições e tentar novamente.<sup>4</sup> As acusações de fraude eleitoral foram repetidas por dezenas de políticos republicanos nos últimos meses de 2020, enquanto o restante do partido se manteve em silêncio e se recusou a reconhecer publicamente a vitória de Biden. Isso atingiu seu ápice na incitação de Trump a uma turba insurrecional que invadiu o Capitólio dos Estados Unidos em 6 de janeiro de 2021 para impedir a certificação do Colégio Eleitoral. Um segundo julgamento de impeachment sem precedentes seguiu uma semana depois. De fato, um movimento americano *kachigumi* nasceu das cinzas da derrota de Trump e de sua tentativa abortada de autogolpe.

Em seu ensaio sobre a filosofia política dos teóricos da conspiração da direita, Richard Hofstadter definiu o "Estilo Paranoico na Política Americana" (1964) como um problema que transcende a particularidade de um único momento histórico: "O estilo paranoico não está confinado ao nosso próprio país e tempo; é um fenômeno internacional. [...] Todos somos sofredores da história, mas o paranoico é um sofredor duplo, pois é afligido não apenas pelo mundo real, como o resto de nós, mas por suas fantasias também." Essa negação é baseada em um senso de perda incompreensível do mundo tradicional por forças além de seu controle. O desejo de renovar os laços *völkisch* de sangue e solo, isto é, encenar um retorno a um sentimento mítico de pertencimento, é visto como necessário para superar a crise percebida. Hofstadter (1964) diagnosticou o estilo paranoico na política americana dos anos 1960 da seguinte forma:

[A] direita moderna, como Daniel Bell colocou, sente-se desapossada: a América foi em grande parte tirada deles e dos seus, embora estejam determinados a tentar recuperá-la e a prevenir o ato final destrutivo de

<sup>4</sup> Flynn fez essas alegações infundadas primeiro no Twitter em 1º de dezembro de 2020, e as repetiu quando o veículo de propaganda de extrema-direita Newsmax o entrevistou em 17 de dezembro de 2020.

subversão. As antigas virtudes americanas já foram corroídas por cosmopolitas e intelectuais; o antigo capitalismo competitivo foi gradualmente minado por esquemas socialistas e comunistas; a antiga segurança nacional e independência foram destruídas por tramas traiçoeiras, tendo como seus agentes mais poderosos não apenas estrangeiros e forasteiros como antigamente, mas grandes estadistas que estão nos próprios centros do poder americano. Seus predecessores haviam descoberto conspirações; a direita radical moderna encontra conspiração como traição vinda do alto.

A Sociedade John Birch (fundada em 1958) e movimentos subsequentes de extrema-direita lançaram raízes profundas de descontentamento que continuaram a se proliferar no corpo político até os dias atuais. Sua vontade de acreditar em embustes sem fundamento só é comparável à hostilidade deles aos direitos civis, à ciência, à regulação governamental e aos assuntos internacionais.

Claro, não é apenas a negação de verdades políticas que tem sido uma característica do movimento político de extrema-direita de Donald Trump nos Estados Unidos ou de Jair Bolsonaro no Brasil. Eles endossaram entusiasticamente visões conspiratórias de que a pandemia de COVID-19 era uma farsa. Bolsonaro, que inicialmente chamou o novo coronavírus de não mais que uma “gripezinha”, reforçou sua oposição às medidas de saúde pública em 17 de dezembro de 2020, quando se recusou a ser vacinado e desencorajou os brasileiros a tomar a vacina da Pfizer, insistindo que fizessem isso por sua própria conta e risco. Se isso “transformasse pessoas em jacarés”, ele raciocinou de forma absurda, o governo não poderia fazer nada a respeito (Slisco, 2020). Nem ele estava sozinho em seu ceticismo em relação ao coronavírus: ele e Trump constantemente politizaram o uso de máscaras e a observação do distanciamento social como medidas preventivas básicas para conter o contágio. “Eles na verdade não acham que isso seja um problema”, comentou o Dr. Anthony Fauci durante uma conversa com o The Hastings Center. “Apesar de um quarto de milhão de mortes, apesar de mais de 11 milhões de infecções, apesar de 150 mil novas infecções por dia, eles não acreditam que seja real. Isso é um problema real” (Higgins-Dunn, 2020). A mesma ignorância viral levou a uma estimativa de 350 mil mortes americanas e 195 mil brasileiras até o final de 2020.

Na falta de conhecimento sobre a *Shindō Renmei* no Brasil, jornalistas e políticos americanos ainda podiam recorrer a um repertório cultural de coisas japonesas para encontrar metáforas adequadas sobre a relitigação de uma guerra que já havia terminado. Comentando sobre a recusa dos republicanos no Congresso americano em parabenizar o presidente eleito Joe

Biden, ou mesmo admitir que ele ganhou a eleição, o âncora da Fox News, Chris Wallace, observou: "Há muitos que estão apenas em silêncio. E então há alguns, mencionei Ted Cruz, você sabe, que são como os soldados japoneses que saem da selva 30 anos após a guerra, e perguntam: 'A luta ainda está acontecendo?'" (Colton, 2020). As observações de Wallace ressoam com o caso dos nipo-brasileiros mais do que ele provavelmente sabia. Dezenas de milhares de japoneses escolheram começar suas vidas de novo no Brasil quando a imigração foi retomada em 1952. Entre aqueles que decidiram deixar o Japão para trás de vez estava Hiroo Onoda, um segundo tenente e oficial de inteligência do Exército Imperial, que passou 29 anos escondido na selva na Ilha de Lubang, nas Filipinas, onde ele se engajou em uma guerra de guerrilha contra as forças militares e policiais americanas e filipinas.

O último resistente, o Tenente Onoda, oficialmente declarado morto em 1959, foi encontrado por Norio Suzuki, um estudante que o procurava, em 1974. O tenente rejeitou os apelos do Sr. Suzuki para ir para casa, insistindo que ainda estava aguardando ordens. O Sr. Suzuki voltou com fotografias, e o governo japonês enviou uma delegação, incluindo o irmão do tenente e seu antigo comandante, para desonerá-lo formalmente do dever (Mcfadden, 2014).

A rendição de Onoda ocorreu na presença de seu antigo comandante, o Major Yoshimi Taniguchi, em 9 de março de 1974. Três dias depois, Onoda recebeu um perdão total do presidente das Filipinas, Ferdinand Marcos — um ex-guerrilheiro contra os japoneses — que lhe devolveu sua espada e elogiou sua coragem (MARCOS..., 1974). Onoda retornou ao Japão e foi recebido como uma celebridade, mas menos de um ano depois, em abril de 1975, escolheu seguir seu irmão mais velho, Tadao, para a Colônia Jamic no Mato Grosso do Sul, para criar gado.

Enquanto isso, em 11 de dezembro de 2020, o congressista americano Clay Higgins (R-La.) recorreu ao Facebook para oferecer uma comparação grotesca entre o internamento japonês e o suposto desenfranqueamento dos eleitores de Trump na eleição nacional:

O internamento de 120 mil cidadãos americanos de ascendência japonesa durante a Segunda Guerra Mundial aconteceu. Foi real. Foi errado. Foi abominável. E foi contestado nos tribunais como uma violação dos direitos constitucionais. A Suprema Corte dos Estados Unidos não o impediu. Lições da história. Eram 120 mil. Nós somos 75 milhões (WILLIAMS, 2020).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Higgins também inflou a contagem de votos populares de Trump em 777.000. Cf. WILLIAMS, 2020.

Essa equivalência flagrantemente falsa em relação à sedição provocou uma repreensão pública enérgica seis dias depois da Liga dos Cidadãos Nipo-Americanos, que escreveu em resposta:

A Liga dos Cidadãos Nipo-Americanos condena qualquer tentativa de equiparar a perda legítima de direitos constitucionais de 120 mil nipo-americanos durante a Segunda Guerra Mundial com os recentes resultados eleitorais, nos quais todos os eleitores registrados tiveram a oportunidade de votar e ser contados, resultando na eleição do Presidente Biden. [...] Para os nipo-americanos, não houve absolutamente nenhum caso de traição ou espionagem que pudesse ter justificado seu encarceramento em massa. Em vez disso, os nipo-americanos demonstraram sua lealdade ao nosso país e à Constituição, resistindo de várias maneiras. O 442º Regimento de Combate, o 100º Batalhão de Infantaria e o Serviço de Inteligência Militar eram formados por nipo-americanos servindo ao seu país enquanto muitos de seus familiares e amigos eram mantidos prisioneiros. Eles reconheceram que a ameaça do totalitarismo que as potências do Eixo representavam era uma ameaça maior à nossa Constituição do que a sua própria perda de direitos (Japanese American Citizens League, 2021).

As palavras do congressista da Louisiana são mais um lembrete de que não apenas o Japão, mas também os descendentes de japoneses nas Américas, permanecem para alguns um palimpsesto no qual seus medos e desejos podem ser projetados. As injustiças sofridas por aqueles a quem foi negada a plena cidadania e que depois foram injustamente acusados de ter lealdades divididas não deixam de lançar uma longa sombra sobre a democracia americana. O mesmo pode ser dito sobre os nipo-brasileiros durante a guerra, que foram submetidos a discriminação, indenizações e outras medidas aplicadas em retribuição pela agressão do Japão. No entanto, seu destino durante e após a guerra divergiu consideravelmente de seus irmãos no norte.

## TRAUMA E TRAIÇÃO EM FORMA NARRATIVA

*Corações Sujos* deriva seu título do epíteto lançado pelos extremistas *kachigumi* contra aqueles na colônia japonesa que aceitaram a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial e/ou foram acusados de colaborar com o inimigo para alcançar esse fim. Os chamados “derrotistas” e a sociedade brasileira em geral, por sua vez, os viam como terroristas domésticos cujas visões iliberais havia ofuscado tanto seu pensamento ao ponto de permitir que cometesssem atos como assassinatos, incêndios criminosos e extorsão por uma causa perdida.

Em *Politics of Storytelling* (2002), o poeta e antropólogo Michael D. Jackson lança luz sobre a psicologia da humilhação e da derrota de maneiras que têm relação direta com o fraticídio na colônia japonesa no Brasil. O desejo de alguém de ser tratado com dignidade, ou mais precisamente, de que sua comunidade seja respeitada, motiva a narrativização em termos míticos e de *Realpolitik*. É este imperativo de enunciar a visão de mundo de alguém que conecta eventos traumáticos e permite que os silenciados ou marginalizados lidem com o sentimento de expropriação. No caso da *Shindō Renmei*, a derrota do Japão foi propositalmente reformulada em uma narrativa de vitória que garantiu, ainda que temporariamente, a continuação de uma subjetividade imperial da qual a grande maioria dos imigrantes dependia. A citação de Hannah Arendt por Jackson merece ser repetida aqui: “O maior dano que a sociedade pode infligir e inflige é fazer [o pária] duvidar da realidade e da validade de sua própria existência, reduzi-lo aos seus próprios olhos ao status de uma nulidade” (ARENDT apud JACKSON, 2002, p. 50-51).

A resolução do conflito militar em vencedores e vencidos pode obscurecer as consequências duradouras da guerra, cujas implicações de longo prazo perduram espacial e temporalmente longe do campo de batalha. Aaron W. Moore (2013) observa que a memória de guerra dos veteranos muitas vezes está em tensão com as versões permitidas da lembrança coletiva no pós-guerra:

O conteúdo da escrita da memória dos veteranos, assim como seus respectivos papéis na produção do discurso da memória histórica no pós-guerra, não é determinável pela divisão deles em nações de "vencedores" e "perdedores". Veteranos americanos, por exemplo, não necessariamente aceitam as representações públicas da Segunda Guerra Mundial, apesar do fato de que a vasta maioria dessas representações é triunfalista (p. 272).

Eu nos faria reler esta declaração contra as certezas paradoxais da *Shindō Renmei*, que reivindicou uma vitória coroada diante de uma perda esmagadora. A cisão *kachimake* na comunidade nipo-brasileira é um estudo de caso de como a derrota de uma nação pode inspirar uma luta de uma década por poder e significado a um mundo de distância de sua terra natal, dos teatros de guerra e dos territórios ocupados. No entanto, esta é a natureza recursiva da História: o impacto catastrófico da Segunda Guerra Mundial não pouparu nenhum dos súditos do Japão e nem seus descendentes ao redor do mundo. Tampouco foram preparados para a existência sofrível da identidade *nikkei* que testemunhou muitos nipo-brasileiros alcançarem grande

sucesso como uma minoria modelo em sua terra de adoção, enquanto outros fariam a migração reversa como trabalhadores dekasseguis e se veriam presos em um ciclo do chamado “3-K” (*kitsui, kitanai, kiken*), atuando em subempregos.<sup>6</sup>

*Corações Sujos*, que começa com a “voz rouca e hesitante” de Hirohito, traduzida e transmitida para os cantos mais distantes da zona rural de São Paulo, reprisa pronunciamentos públicos, como a "Transmissão da Voz de Joia" e a "Declaração de Humanidade", destinados a anunciar a rendição incondicional do Japão e o reconhecimento da inexistência do status divino do imperador.<sup>7</sup> Conforme Morais elucida, a disputa entre o General MacArthur e a Instituição da Casa Imperial pelo controle das palavras e da imagem de Hirohito, em vez de silenciar os revanchistas, apenas escalou o conflito ideológico no Brasil. A *Shindō Renmei* cinicamente desconsiderou o que poderíamos chamar de verdade histórica ou objetiva dessas transmissões, das fotografias da rendição japonesa a bordo do *USS Missouri* e assim por diante. Contrariamente, eles as entenderam simplesmente como propaganda útil para posterior adulteração.

Em *Embracing Defeat* (2000), John Dower fornece uma estimativa conservadora dos mortos e deslocados de guerra no Japão. “No total, provavelmente pelo menos 2,7 milhões de militares e civis morreram como resultado da guerra, cerca de 3 a 4% da população de 74 milhões do país em 1941. Outros milhões ficaram feridos, doentes ou gravemente desnutridos” (DOWER, 2000, p. 45). As escalações regional e local de morte e destruição causadas pelo amplo bombardeio incendiário das cidades do Japão e as bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki não foram menos graves em sua particularidade. Mas, a devastação penetrou bem além dos limites do arquipélago.

Na sequência da derrota, aproximadamente 6,5 milhões de japoneses ficaram isolados na Ásia, Sibéria e na área do Oceano Pacífico. Cerca de 3,5 milhões deles eram soldados e marinheiros. O restante era composto por civis, incluindo muitas mulheres e crianças — um grande e geralmente esquecido grupo de indivíduos das classes média e baixa que haviam sido enviados para ajudar no desenvolvimento do império. Cerca de 2,6 milhões de japoneses estavam na China no final da guerra, 1,1 milhão dispersos pela Manchúria. Além disso, quase seiscentos mil soldados depuseram suas armas nas Ilhas Curyas e no

<sup>6</sup> Isto deriva da abreviação correspondente "3-K" (*kitsui, kitanai, kiken*) em japonês.

<sup>7</sup> A tradução em inglês da "Transmissão da Voz de Joia" é extraída do texto registrado pela Comissão Federal de Comunicações e publicado na edição de 15 de agosto de 1945 do New York Times. A tradução da "Declaração da Humanidade" vem da edição de 1º de janeiro de 1946 do New York Times, que cita a tradução fornecida pela sede dos Aliados.

enclave Darien-Port Arthur no sul da Manchúria. Mais de quinhentos mil japoneses estavam em Formosa (Taiwan) e novecentos mil na Coreia, países que o Japão havia colonizado em 1895 e 1910, respectivamente. O número no Sudeste Asiático e nas Filipinas era próximo de novecentos mil no final da guerra, em sua maioria militares. Centenas de milhares de outros remanescentes do exército despedaçado do imperador estavam isolados em ilhas espalhadas pelo Pacífico (Dower, 2000, p. 48-49)

O retorno para casa desses veteranos e colonos assentados de maneira alguma foi imediato ou indolor. Embora a maioria das forças armadas japonesas tenha sido desarmada pelos Estados Unidos e pelo *Kuomintang*, e repatriada em 1946, entre 560.000 e 760.000 militares japoneses capturados na União Soviética e na Mongólia foram internados em campos de trabalho até 1950. A Ocupação dos EUA no Japão, nesse sentido, não terminou até 28 de abril de 1952, excluindo Okinawa, que retornou ao controle do Japão em 1972.

Os imigrantes japoneses e seus descendentes no Hemisfério Ocidental foram afetados negativamente pela guerra e por serem transformados em “bode expiatório”. Estima-se que 120.000 nipo-americanos foram despojados de seus direitos civis e propriedades e enviados para campos de concentração. Devemos lembrar que o confisco de propriedades não ocorreu devido à “necessidade militar”, mas sim, devido à insistência de fazendeiros e comerciantes brancos. Esta última foi um dos fatores que levaram à evacuação em massa e ao internamento da comunidade *nikkei*. As perdas não foram apenas individuais, mas também coletivas, pois a expropriação das comunidades étnicas e das indústrias foi incalculável. Aproximadamente 1.800 nipo-peruanos e 29 nipo-bolivianos foram deportados ilegalmente, despojados de sua cidadania e enviados para campos de concentração nos Estados Unidos como moeda de troca por prisioneiros de guerra americanos. Quase todos eles foram enviados de volta ao Japão após a guerra. A magnitude dessas expropriações ajuda a contextualizar a situação em que o ressentimento e a resistência dos *kachigumi* explodiram no Brasil. Seu desejo de desafiar a realidade e assassinar os traidores “derrotistas” deve ser entendido no contexto da perda total de tudo o que lhes era caro.

## SOCIEDADES SECRETAS, TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E NOTÍCIAS FALSAS

Movimentos extremistas e sociedades secretas regularmente empregam teorias da conspiração, desinformação e notícias falsas para criar e disseminar sua mensagem. Embora seus métodos sejam frequentemente uma fonte de desprezo ou divertimento para intelectuais,

não devemos cair na armadilha de descartar o estilo paranoico como simples pensamento empobrecido ou mágico. Seus praticantes, de fato, deliberadamente emulam as formas de produção de conhecimento e instituições que buscam minar. Michael Barkun (2013) fornece uma visão penetrante sobre essa tendência de manipular o sistema ao falsamente posicionar a certeza epistêmica:

Teorias da conspiração pretendem ser empiricamente relevantes; ou seja, elas afirmam ser testáveis pela acumulação de evidências sobre o mundo observável. Aqueles que subscrevem a tais construtos não pedem que os construtos sejam aceitos por fé. Em vez disso, eles frequentemente se engajam em apresentações elaboradas de evidências para fundamentar suas reivindicações. De fato, como Richard Hofstadter apontou, a literatura conspiratória frequentemente imita o aparato de citação de fontes e apresentação de evidências encontradas na erudição convencional: "O próprio caráter fantástico das conclusões [das teorias da conspiração] leva a esforços heroicos por 'evidências' para provar que o inacreditável é a única coisa que pode ser acreditada" (p.6).

A natureza inherentemente infalsificável das teorias da conspiração as torna impermeáveis às táticas usuais de desinflar falácias e envergonhar adversários no cenário político. Por essa razão, elas são excepcionalmente apropriadas para a criação de comunidades de crentes sectários e para o fomento da violência política. O processo de radicalização pode assim ser resumido como o movimento da teoria da conspiração para a conspiração real. É uma lição que estamos redescobrindo tardivamente na era do autoritarismo renovado e do populismo neofascista.

Em nenhum lugar esse paradigma é mais evidente do que na ascensão nazista ao poder, quando Adolf Hitler reviveu a lenda da punhalada pelas costas (*Dolchstoßlegende*) para explicar como os judeus causaram a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e a trouxeram sobre a decadente e corrupta República de Weimar. Essa foi a ficção fundacional sobre a qual sua visão para a Alemanha Nazista foi estabelecida. No entanto, Hitler foi um passo além em *Mein Kampf* (1925), quando desenvolveu a técnica de propaganda da "grande mentira", que culpava os judeus pelas decepções do povo alemão e buscava vencê-los em seu próprio jogo. Apropriadamente, aparece em um capítulo dedicado a explorar as razões putativas para o colapso do Segundo Reich. Sua análise dos métodos nefastos dos judeus, no entanto, era precisamente o modelo para o seu estratagema.

Tudo isso foi inspirado pelo princípio — que é bastante verdadeiro em si mesmo — de que na grande mentira sempre há uma certa força de credibilidade; porque as amplas massas de uma nação são sempre mais facilmente corrompidas nas camadas mais profundas de sua natureza emocional do que consciente ou voluntariamente; e assim, na simplicidade primitiva de suas mentes, elas mais facilmente se tornam vítimas da grande mentira do que da pequena mentira, já que elas mesmas frequentemente contam pequenas mentiras em questões menores, mas se envergonhariam de recorrer a falsidades em larga escala. Nunca lhes ocorreria fabricar inverdades colossais, e eles não acreditariam que outros poderiam ter a desfaçatez de distorcer a verdade tão infamemente. Mesmo que os fatos que comprovam isso sejam claramente trazidos à sua mente, eles ainda duvidarão e vacilarão e continuarão a pensar que pode haver outra explicação. Pois a mentira grosseiramente descarada sempre deixa vestígios, mesmo depois de ter sido desmascarada, um fato que é conhecido por todos os mentirosos especialistas neste mundo e por todos que conspiram juntos na arte de mentir (HITLER, 1982 [1925], p. 211).

Ao adotar a posição de vítimas em uma luta existencial contra um inimigo implacável, os nazistas esconderam a natureza de suas ações como uma posição defensiva. Indiscutivelmente, muitos alemães e seus cúmplices aceitaram a mentira como realidade. No entanto, por mais céticos ou não-comprometidos que o restante da população possam ter sido inicialmente, eles também foram mobilizados para servir aos seus propósitos. Hannah Arendt (1978) compreendeu os perigos essenciais que isso representava para uma sociedade livre: "Se todo mundo sempre mente para você, a consequência não é que você acredite nas mentiras, mas sim que ninguém mais acredite em nada. Isso ocorre porque as mentiras, por sua própria natureza, têm que ser mudadas, e um governo mentiroso tem constantemente que reescrever sua própria história".<sup>8</sup>

Os mecanismos interligados da lenda da punhalada pelas costas e da grande mentira deram licença para que os planos de Hitler para uma guerra total e genocídio fossem realizados com consciência limpa e nobreza de propósito. Isso é claramente demonstrado no discurso de Heinrich Himmler em Posen, em 4 de outubro de 1943, para oficiais da SS que revelou os planos da Alemanha para o extermínio dos judeus europeus: "Nós temos o direito moral, tínhamos o dever para com nosso povo de fazer isso, de matar esse povo que nos mataria. [...] Nós realizamos essa tarefa mais difícil pelo amor ao nosso povo. E não sofremos nenhum defeito dentro de nós, em nossa alma, ou em nosso caráter" (HIMMLER, 1943). É a natureza das teorias da conspiração e da desinformação circunscrever uma virtuosa vitimização e,

<sup>8</sup> Comentários feitos em 1974 durante uma entrevista com o escritor francês Roger Errera e publicados na edição de 26 de outubro de 1978 do The New York Review of Books. Cf. ARENDT, 1978.

portanto, justificar medidas extraordinárias.

Não é preciso dizer que a lenda da punhalada pelas costas e a grande mentira convergiram para a *Shindō Renmei* na narrativa falsa de que os *makegumi* deram ajuda e conforto aos inimigos do Japão durante a guerra, e então se engajaram em uma campanha de desinformação para negar ao Japão sua legítima vitória. Esta calúnia contra seus companheiros imigrantes ajudou a purificar a paisagem ideológica na colônia japonesa para que os "vitoristas" radicais tomassem o poder, agindo em nome do Imperador, pelo menos até a Marinha Imperial Japonesa chegar para repatriar os "verdadeiros crentes". Quando essa mentira não pôde mais ser mantida, a *Shindō* mudou sua estratégia para se registrar como uma organização legal no Brasil e, assim, entrar na sociedade brasileira como um movimento político em nome dos imigrantes japoneses. Nunca deixou de usar, no entanto, a desinformação e a violência política como suas táticas preferidas para dominar a comunidade e rejeitar a soberania brasileira sobre seus assuntos internos. Os *kachigumi* no Brasil estavam a um mundo de distância do que Barak Kushner (2006) chamou de sistema de pensamento descentralizado "radial" ("hub-and-spoke") e da máquina de propaganda da ideologia imperial presente no arquipélago japonês e no Império Japonês no Leste da Ásia. No entanto, muitos dos *issei* brasileiros, que emigraram várias décadas depois dos seus irmãos norte-americanos, tinham opiniões políticas e ideológicas formadas numa era de jingoísmo imperial. Quando a influência moderadora da imprensa de língua japonesa foi proibida sob o Estado Novo, os extremistas começaram a reproduzir um discurso semelhante, adequado às suas necessidades. Era um sistema de pensamento cujos "raios" eram consistentes com os ideólogos e quadros radicalizados que procuraram provocar uma segunda restauração imperial em nome de Hirohito e arquitetaram o Incidente da Manchúria (1931), o Incidente da Ponte Marco Polo (1937) e outras medidas de emergência necessárias para consolidar seu domínio sobre o Nordeste da Ásia.

No seu trabalho inovador sobre os fundamentos filosóficos e jurídicos da violência política no Japão antes da guerra, Walter Skya (2009) fornece um contexto histórico crucial sobre as repetidas tentativas de decapitar o governo civil e a sociedade civil do Japão. Isto desencadearia a "guerra santa" (*seisen*) que os seus proponentes insistiam que purificaria o Japão e libertaria a Ásia Oriental da dominação colonial ocidental:

Três primeiros-ministros em exercício (Hara Takashi [1865-1921], Hamaguchi Osachi [1870-1931] e Inukai Tsuyoshi [1855-1932]) e dois ex-primeiros-ministros (Saitō Makoto [1858-1936] e Takahashi Korekiyo [1854-1936]

foram assassinados entre 1921 e 1936. No mesmo período, o primeiro-ministro Okada Keisuke (1868-1952) escapou de uma tentativa de assassinato enquanto era primeiro-ministro, e Suzuki Kantarō (1867-1948), o homem que se tornaria o último primeiro-ministro no período pré-guerra, sobreviveu por pouco a uma tentativa de assassinato. (A bala do assassino permaneceu dentro do corpo de Suzuki pelo resto de sua vida). Se a tentativa de assassinato de Okada tivesse sido bem-sucedida, surpreendentes seis primeiros-ministros ou ex-primeiros-ministros teriam sido assassinados em um período de quinze anos e cinco deles nos últimos seis anos desse período. Também é digno de nota que o duas vezes primeiro-ministro Wakatsuki Reijirō (1926-27 e 1931) foi condenado a ser assassinado por terroristas no “Incidente de Outubro [1931]”. Além de tudo isso, podemos acrescentar o número de “incidentes” terroristas notórios relacionados que ocorreram entre 1930 e 1936, resultando no assassinato ou na tentativa de assassinato de importantes intelectuais, figuras políticas (incluindo gabinetes inteiros), altos funcionários militares e líderes empresariais proeminentes. A violência política e os assassinatos tornaram-se tão comuns que Hugh Byas, correspondente estrangeiro, observador político e residente de longa data do Japão na época, escreveu sobre isso em um livro, caracterizando o elemento marcante da política no início dos anos 1930 no Japão como *Governo por Assassinato* (p. 229-230).

O “Governo por Assassinato” foi a apoteose das crenças políticas revanchistas realizadas em nome do imperador. Os partidários da *Shindō Renmei* já haviam sido condicionados pela radicalização da política japonesa do pré-guerra a observar as mesmas regras básicas.

Skya (2009) localiza as raízes do ultranacionalismo xintoísta radical no pensamento do constitucionalista de extrema direita Shinkichi Uesugi, que foi o principal defensor da Escola de Soberania Imperial nas décadas de 1920 e 1930. Uesugi, seus discípulos e o amplo apoio militar reagiram contra a ortodoxia dominante da Teoria do Órgão Imperador e as suas noções de que o direito divino do imperador de governar era limitado pelos ditames da Constituição de 1889. Uesugi procurou justificar atos de terrorismo interno como um meio legítimo de expurgar os dissidentes e de recolocar a nação no que considerava o verdadeiro caminho imperial.

Na prática, isto significava procurar a morte pela eliminação de indivíduos que se recusavam a seguir o que consideravam a verdadeira vontade do imperador ou pela destruição das instituições corruptas que se interpunham no caminho entre o imperador e as massas. Consequentemente, tais atividades terroristas foram dirigidas principalmente não contra estrangeiros, mas contra japoneses em posições de poder e influência que eram considerados apóstatas (Skya, 2009, p. 210-211).

Isto não foi uma proibição contra matar estrangeiros *per se* — um plano para assassinar Charlie Chaplin juntamente com o Primeiro-Ministro Inukai durante sua visita ao Japão em 14

de maio de 1932 só falhou devido a uma mudança fortuita no itinerário de Chaplin<sup>9</sup> — mas compreendeu a batalha por corações e mentes como ocorrendo dentro de um contexto resolutamente *Yamato damashii*.

Skya (2009, p. 26) argumenta ainda que o extremismo ultranacionalista no Japão não foi unificado em uma única estrutura partidária e evitou uma afiliação explícita com o fascismo ou o Xintoísmo de Estado:

Ao contrário do caso do Partido Nazista na Alemanha ou do Partido Fascista na Itália, nenhum movimento nacionalista extremista tomou o poder do Estado no Japão. Centenas de grupos ultranacionalistas xintoístas surgiram no período pós-Meiji, frequentemente se envolviam em lutas violentas uns contra os outros e não se referiam a si mesmos de forma óbvia como sendo xintoístas.

Um fenômeno semelhante pode ser observado nas respostas organizadas dos japoneses brasileiros à guerra, evidenciado pelas numerosas associações pró-imperiais e sociedades secretas que se formaram durante a guerra, que acabaram sendo absorvidas ou ofuscadas pela *Shindō Renmei*. A despeito da existência de uma única associação de veteranos ou da presença de alguns ex-oficiais do Exército ou Marinha Imperial entre os líderes da *Shindō Renmei* (assim como entre seus alvos de assassinato), o que é mais notável sobre esses grupos é que eles eram quase inteiramente compostos por civis comuns.

A política xenófoba e eugenista do Brasil encontrou seu paralelo na filosofia ultranacionalista da *Shindō Renmei*. Extremistas de ambos os lados se viam como racialmente inferiores, rejeitavam a mistura racial e consideravam sua ideologia como sendo superior. Se o objetivo dos políticos antijaponeses era restringir a imigração japonesa e integrar forçosamente as colônias existentes à sociedade brasileira, a *Shindō Renmei*, por outro lado, buscava preservar os membros da comunidade como súditos leais do Imperador. Eles alimentavam a fantasia de que a vitória do Japão colocaria os japoneses no exterior na vanguarda da raça *Yamato*, que, conforme a propaganda japonesa do pré-guerra estilizava, seria "plantada no solo" do mundo inteiro (Skya, 2009).

Os anos do pré-guerra no Brasil e no Japão estavam repletos de teorias da conspiração políticas que usavam estrategicamente a desinformação para mobilizar ideologicamente a população e afirmar o controle autoritário. O Plano Cohen, arquitetado em setembro de 1937,

<sup>9</sup> Veja o relato de Miriam Silverberg (2006) sobre este episódio e a importância de Chaplin na incitação de uma guerra com os Estados Unidos em *Erotic Grotesque Nonsense: The Mass Culture of Japanese Modern Times*.

foi uma conspiração comunista criada por Olímpio Mourão Filho, capitão a serviço do Estado Maior do Exército Brasileiro e diretor do serviço secreto do partido de tendência fascista Ação Integralista Brasileira (AIB)<sup>10</sup>. O Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra revelou o documento durante uma transmissão de rádio em 29 de setembro de 1937, alegando que era um plano legítimo para derrubar a administração Vargas. Dutra o utilizou como pretexto para pedir a renovação das medidas de emergência do estado de guerra. A verdadeira conspiração, então, foi a tomada das instituições democráticas do Brasil por Vargas. A Constituição de 1934 foi suspensa sob o Estado Novo, que introduziu novas políticas destinadas a "brasileirar" os "súditos do Eixo", que tendiam a recair desproporcionalmente sobre os imigrantes japoneses.

## CONCLUSÕES E NOVOS COMEÇOS

As raízes da violência política da *Shindō Renmei* residiam nos sentimentos de despossessão de ambos os países, resultando na produção de uma contra-narrativa falsa para reforçar sua subjetividade contra incertezas aterrorizantes. Além de lançar luz sobre este polêmico período de transição que testemunhou a derrota e o colapso do Império Japonês, bem como o retorno turbulento do Brasil à democracia, serve como um lembrete da necessidade de confrontarmos as tendências negacionistas e revanchistas em nosso discurso político contemporâneo. É justo dizer que a *Shindō Renmei* perdeu a guerra duas vezes: primeiro com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial e, novamente, na sua supressão pelas autoridades brasileiras e pela oposição esclarecida. Mas, como sugere Morais (2014), sua derrota não foi clara e poderia até ser redefinida como uma vitória de certa forma. Afinal, nenhum dos piores infratores foi deportado, enquanto aqueles que foram capturados e presos receberam perdão após uma década. No final, segundo ele, a comunidade foi transformada em uma minoria étnica na democracia racial do Brasil com a ajuda do poderoso governador de São Paulo.

É improvável que Adhemar de Barros ou sua máquina política mereçam crédito

<sup>10</sup> Em uma entrevista à revista *Manchete* em 11 de novembro de 1958, o agora general Mourão (que desempenhou um papel significativo no golpe de 1964) atribuiu o nome do plano a Gustavo Barroso, o doutrinador Integralista veementemente antisemita, político e três vezes presidente da Academia Brasileira de Letras. A *Sinagoga Paulista* (1937), de Barroso, foi um libelo no qual ele alegava que "a voraz Colônia Judaica" estava por trás dos bastidores controlando os acontecimentos brasileiros e internacionais principalmente por meio de maquinações capitalistas. Entre as inúmeras obras que Barroso escreveu e traduziu para o português estavam *O Judeu Internacional*, de Henry Ford, e os *Protocolos dos Sábios de Sião*.

exclusivo, no entanto, por conduzir esse processo até sua conclusão. Adhemar foi governador apenas até 31 de janeiro de 1951. Ele seria eleito prefeito da cidade de São Paulo, mas isso só aconteceu em 1957. Takashi Maeyama (1979) novamente fornece *insights* esclarecedores sobre as etapas de reconciliação que surgiram por meio dos esforços árduos daqueles na facção esclarecida. Somente após os líderes e células quase independentes da *Shindō Renmei* terem sido desativados, poderiam ser dados passos em direção à reunificação e cura da comunidade:

[O]s líderes da outra facção organizaram o *Nihon Sensai Dōhō Kyūen Kai* ou Comitê de Socorro às Vítimas de Guerra do Japão [...] doravante simplesmente *Kyūen Kai*) para enviar dinheiro e itens de subsistência para seu país de origem e ajudar irmãos em dificuldade. Na prática, no entanto, isso foi um esforço para acabar com o faccionalismo e reorganizar todos os japoneses em uma estrutura integrada (Maeyama, 1979, p. 602).

Após três anos, o *Kyūen Kai* mudou seu foco de ajuda mútua ao Japão para o planejamento do 400º aniversário de São Paulo. A organização passou a se ver cada vez mais como intermediária em nome de ambos os países. Após a conclusão do Pavilhão Japonês em 1954, que foi dado à cidade como um presente em parceria com o governo japonês, a facção esclarecida continuou a evoluir para sua forma atual. Maeyama (1979, p. 603) explica:

Em 1955, assim que o objetivo do comitê foi alcançado, ele se transformou novamente em outra organização (desta vez mais permanente), a saber, a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa. Esta Sociedade funcionou como a sede de todas as comunidades locais japonesas no Brasil. Em 1970, ela mudou silenciosamente seu nome para Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, o que atraiu pouca atenção pública porque, na verdade, não significava nenhuma mudança; já era de fato a sede brasileira. Assim, *uma estrutura étnica geral foi finalmente estabelecida pelos próprios imigrantes* (Grifo nosso).

A Sociedade Brasileira de Cultura e Assistência Social Japonesa, mais conhecida por sua sigla japonesa, *Bunkyo*, permanece até hoje como a principal organização cultural da comunidade, com sua sede, arquivo e museu na Rua São Joaquim, 381, no bairro da Liberdade, em São Paulo.

### Referências Bibliográficas:

- BARKUN, Michael. *A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America*. Berkeley: University of California Press, 2013.

BARROSO, Gustavo. *A sinagoga paulista*. Rio de Janeiro: Empresa Editora, 1937.

BLAKE, Aaron. Kellyanne Conway says Donald Trump's team has 'alternative facts.' Which pretty much says it all. *Washington Post*, Washington, 22 jan. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/01/22/kellyanne-conway-says-donald-trumps-team-has-alternate-facts-which-pretty-much-says-it-all/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

COLTON, Emma. Chris Wallace compares Ted Cruz to Japanese soldier still fighting WWII after he questioned election results. *Washington Examiner*, Washington, 8 nov. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonexaminer.com/news/63281/chris-wallace-compares-ted-cruz-to-japanese-soldier-still-fighting-wwii-after-he-questioned-election-results/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

DEZEM, Rogério. (2010), "Hi-no-Maru Manchado de Sangue: A Shindo Renmei e o DEOPS/SP", in M. L. T. CARNEIRO; M. Y. TAKEUCHI (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória*, São Paulo: EDUSP.

DOWER, John. *Embracing defeat: Japan in the wake of World War II*. New York: W. W. Norton & Company, 2000.

HIGGINS-DUNN, Noah. Dr. Fauci says vaccinating people who disregard Covid as "fake news" could be a "real problem". *CNBC*, Englewood Cliffs, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2020/11/19/coronavirus-dr-fauci-says-vaccinating-people-who-disregard-covid-as-fake-news-could-be-a-real-problem-.html>. Acesso em: 23 nov. 2023.

HIMMLER, Heinrich. *Himmler's Posen speech: "extermination"*. Posen: 1943. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/himmler-s-posen-speech-quot-extermination-quot>. Acesso em: 23 nov. 2023.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. 5 ed. London: Hutchinson & Co., 1982.

HOFSTADTER, Richard. The paranoid style in American politics. *Harper's Weekly*, New York, 1 nov. 1964. Disponível em: <https://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

JACKSON, Michael. D. *The politics of storytelling: violence, transgression and subjectivity*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2002.

JAPANESE AMERICAN CITIZENS LEAGUE. *Representative Clay Higgins fails to understand the gravity of claiming a loss of constitutional rights*. San Francisco, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://jacl.org/statements/representative-clay-higgins-fails-to-understand-the-gravity-of-claiming-a-loss-of-constitutional-rights>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KUSHNER, Barak. *The thought war: Japanese imperial propaganda*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006.

LESSER, Jeffrey. *Uma diáspora descontente*: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica (1960-1980). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LÓPEZ-CALVO, Ignacio. *Japanese Brazilian Saudades*: diasporic identities and cultural production. Louisville: University of Colorado Press, 2019.

MAEYAMA, Takashi. Ethnicity, secret societies, and associations: the Japanese in Brazil. *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge, v. 21, n. 4, p. 589-610, 1979.

MARCOS extols Japanese straggler, returns sword. *New York Times*, New York, 12 mar. 1974. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1974/03/12/archives/marcos-extols-japanese-straggler-returns-sword.html>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MCFADDEN, Robert. D. Hiroo Onoda, soldier who hid in jungle for decades, dies at 91. *New York Times*, New York, 17 jan. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/01/18/world/asia/hiroo-onoda-imperial-japanese-army-officer-dies-at-91.html>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MOORE, Aaron William. *Writing war*: soldiers record the Japanese Empire. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

MORAIS, Fernando. *Corações sujos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVERBERG, Miriam. *Erotic grotesque nonsense*: the mass culture of Japanese modern times. Berkeley: University of California Press, 2006.

SKYA, Walter. *Japan's Holy War: the ideology of radical Shintō ultranationalism*. Durham: Duke University Press, 2009.

SLISCO, Aila. Bolsonaro says vaccine might create ‘crocodiles’ as Brazil sees second most COVID deaths. *Newsweek*, New York, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.newsweek.com/bolsonaro-says-vaccine-might-create-crocodiles-brazil-sees-second-most-covid-deaths-1556090>. Acesso em: 23 nov. 2023.

WILLIAMS, Jordan. GOP lawmaker compares Japanese internment to alleged fraud that cost Trump election. *The Hill*, Washington, 11 dez. 2020. Disponível em: <https://thehill.com/homenews/house/529849-gop-lawmaker-compares-japanese-internment-to-alleged-fraud-that-cost-trump/>. Acesso em: 23 nov. 2023.